

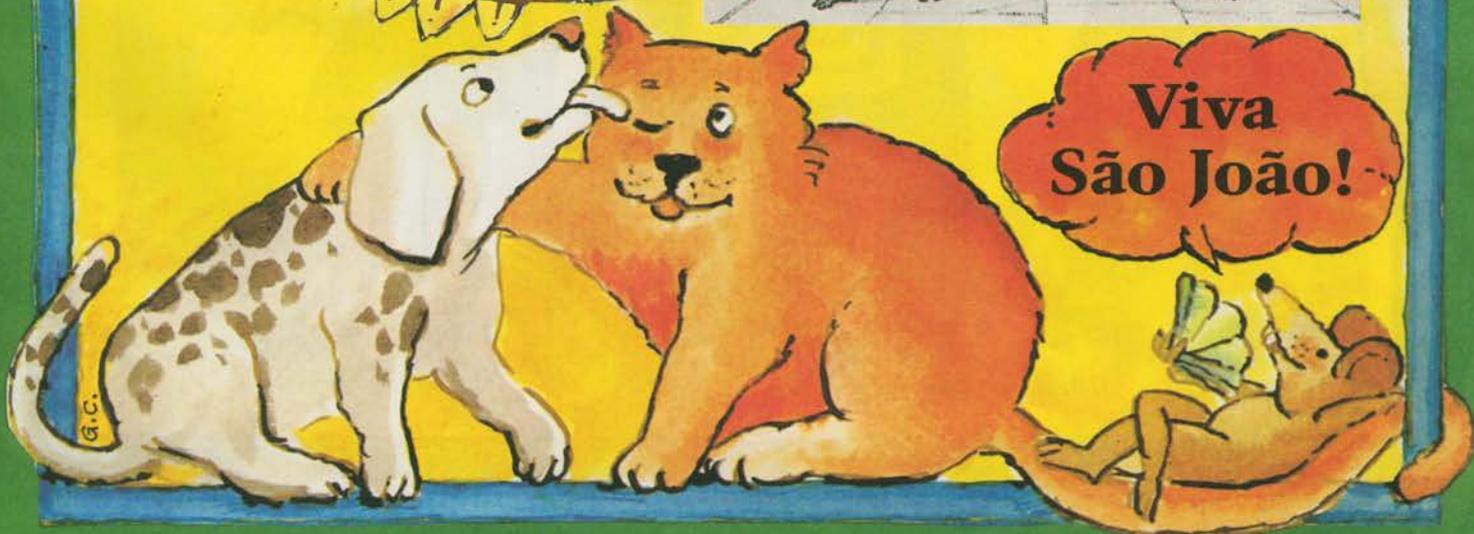
Divulgação científica

para crianças nº 8

CIÊNCIA HOJE das crianças

“Ele era um herói
de outra galáxia”.
O que será
uma galáxia?

**Escravos no Brasil
do século passado**



EDITORIAL

A Ciência Hoje das crianças agora ficou maior: são 16 páginas, mais o cartaz. Foi criada uma seção de cartas para vocês mandarem suas sugestões, seus desenhos, suas histórias e fazerem suas perguntas também. Há mais jogos, brincadeiras, histórias de ciências, de bicho, de gente, para vocês lerem em casa ou levarem para a escola.



Esta é a Guaracira, que coordena a revista. Quem quiser mandar sugestões, fazer perguntas, escreva para ela.

Este é o Gian Calvi, que faz arte na revista. Quem quiser, mande desenhos para ele.

Esta é a Lucilla, que promove e divulga a revista. Arranje uma nova assinatura e mande para ela.

Esta é a Angela, que adapta os textos. O pessoal que escreve histórias pode mandá-las para ela.



QUITUTES DE SÃO JOÃO

Beiju

Ingredientes: polvilho de farinha de mandioca, água e sal.

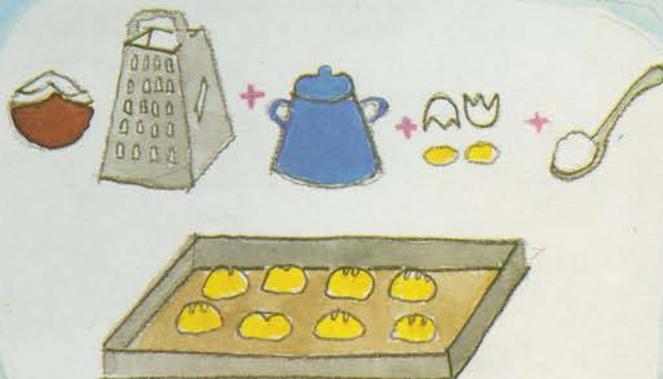
Modo de fazer: umedeça a farinha de mandioca com água, de maneira a que ela fique ainda solta. Acrescente um pouco de sal. Peneire a mistura num tabuleiro, dando ao beiju uma forma arredondada. Leva-se ao forno por pouco tempo. Quando a massa estiver unida, enrola-se como um canudo. O beiju é muito bom para acompanhar o café.



Broinha de coco

Ingredientes: um coco ralado, 250 gramas de açúcar, duas gemas, uma colher de sopa de farinha de trigo.

Modo de fazer: misture bem misturados todos os ingredientes. Unte uma bandeja com manteiga. Pingue nela uns bocadinhos da massa e leve a assar no forno quente.



Paspalhão

Ingredientes: um quilo de aipim, erva-doce e sal.

Modo de fazer: espreme-se ou prensa-se o aipim cru. Usa-se só a massa, que é temperada com erva-doce e sal. Enrola-se a massa em folhas de bananeira e leva-se ao forno. Serve-se com café.



Mariana Massarani



Cácia Frade (coordenadora)
A culinária no litoral fluminense,
Instituto Estadual do Patrimônio Cultural, 1978



GALÁXIAS

Longe das cidades, em noites sem luar, as estrelas no céu são uma visão maravilhosa. À vista desarmada, isto é, sem o uso de binóculos ou telescópios, o número de estrelas que podemos observar em todo o céu não é muito grande, ao contrário do que muita gente imagina. São cerca de seis mil estrelas que se localizam em diferentes direções do céu. Todas elas se encontram relativamente próximas do Sol. A maioria está muito distante de nós e não podemos distingui-las uma a uma. Podemos, no entanto, ver a luz que elas emitem.

Para você entender isso, imagine o seguinte: uma cidade é formada por várias casas que, durante a noite, têm suas luzes acesas. Se você estiver na cidade, você irá distinguir as casas e a maneira como cada uma delas se encontra iluminada. Se você, ao contrário, estiver num avião ou numa montanha próxima (pico do Jaraguá, em São Paulo, ou Corcovado, no Rio de Janeiro), isto não será mais possível. Você irá observar a iluminação geral da cidade, mas terá dificuldade em distinguir as casas por causa da distância. Se você associar as casas da cidade com as

estrelas, a situação será parecida.

As “casas” ou estrelas próximas de nós são cerca de seis mil. Há outras que também são próximas, mas que não podemos observar porque suas luzes são muito fracas — são como casas apagadas. Como se observa a luz das estrelas distantes? No mês de maio, por volta da meia-noite, se a noite estiver escura, você observará a existência de uma faixa esbranquiçada cortada por bandas escuras. Os astrônomos da Antiguidade chamavam esta faixa de Via Láctea (caminho leitoso), que nada mais é do



Galáxia de forma elíptica situada na constelação de Cassiopéia.

GALÁXIAS

que a luz proveniente de bilhões de estrelas situadas a uma grande distância de nós. As estrelas próximas (poucas) e as distantes (a maioria) formam uma "cidade", onde habitamos, e que se denomina Galáxia.

A Galáxia é constituída por mais ou menos cem bilhões de estrelas. Como elas se encontram concentradas numa faixa estreita do céu (Via Láctea), a Galáxia deve ter a forma de um disco. O sistema solar (o Sol e os planetas) localiza-se em um dos bordos deste disco.

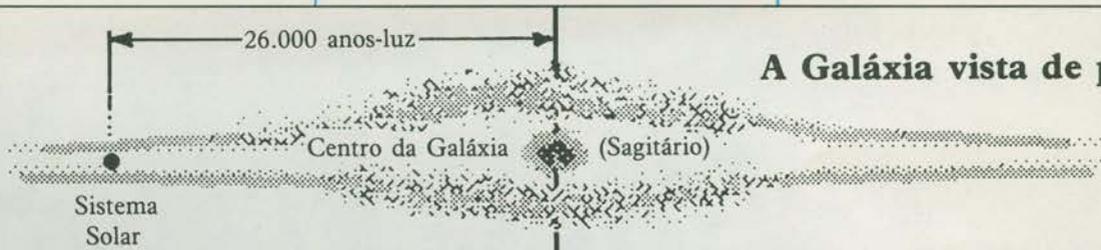
Qual é o tamanho da Galáxia? Para responder a esta

pergunta, lembramos a você que a velocidade da luz é a maior velocidade encontrada na natureza. Assim, a luz leva um pouco mais de um segundo para cobrir a distância entre a Lua e a Terra e cerca de oito minutos para cobrir a distância que vai do Sol à Terra. Mesmo com esta fantástica velocidade, a luz da estrela mais próxima do Sol (Próxima Centauri) leva quatro anos e três meses para chegar até nós. Do centro da Galáxia até o Sol são 26 mil anos. A luz necessita 55 mil anos para cobrir a distância de um extremo a outro deste disco que é a Galáxia. Assim,

a luz que foi emitida no centro da Galáxia, na época dos faraós do Egito, cobriu até hoje apenas a quinta parte de sua viagem. Chegará à Terra quando outro tipo de civilização aqui existir.

Se você está maravilhado ou surpreso com a grandeza dos números que descrevem nossa Galáxia, pense agora que ela não é a única que povoa o espaço. Existem dezenas de bilhões delas, formando o que chamamos de Universo.

As galáxias mais próximas de nós são as chamadas Nuvens de Magalhães, que são duas, a Grande e a Pequena. Estas nuvens podem ser vistas



A Galáxia vista de perfil



GALÁXIAS

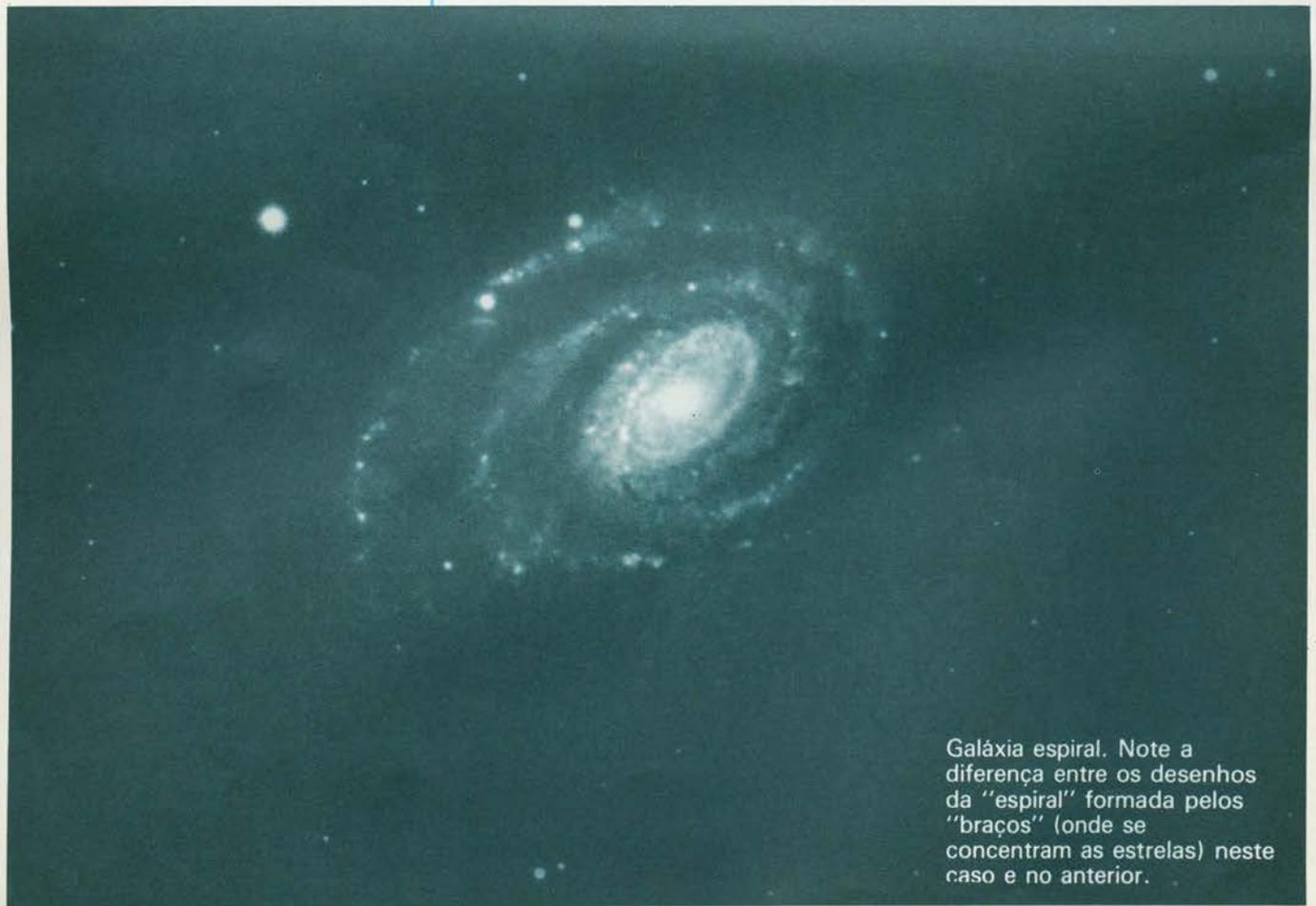
a olho nu, como se fossem manchas esbranquiçadas, durante os meses de verão, na direção sul, com uma elevação de mais ou menos 40 graus acima do horizonte. A luz da Grande Nuvem de Magalhães leva cerca de 180 mil anos para chegar até nós.

Recentemente falou-se muito desta Galáxia nos jornais, pois em fevereiro de 1987 descobriu-se uma supernova, isto é, uma estrela que explodiu naquela Galáxia.

As galáxias do Universo têm formas diversas. Algumas têm forma esférica, outras parecem-se com elipses, e ainda outras apresentam belos desenhos



Grupo de galáxias: as galáxias não gostam de estar isoladas no espaço. Vivem sempre em companhia de outras galáxias. Aqui está um exemplo de uma "família" de galáxias na constelação do Leão.



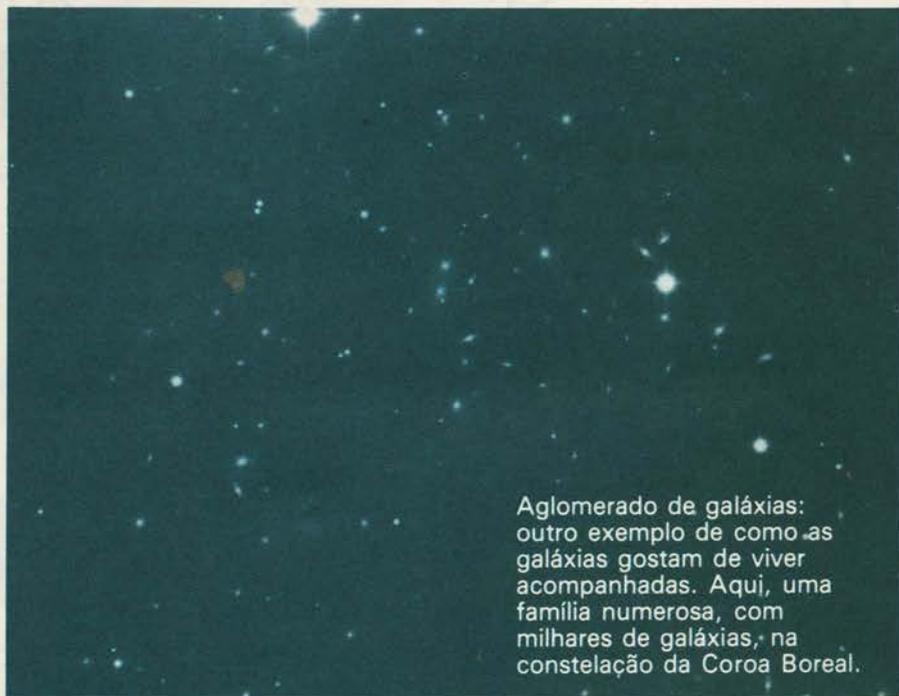
Galáxia espiral. Note a diferença entre os desenhos da "espiral" formada pelos "braços" (onde se concentram as estrelas) neste caso e no anterior.

GALÁXIAS

espirais. A nossa Galáxia é do tipo espiral.

Uma descoberta da maior importância no reino das galáxias foi realizada pelo astrônomo norte-americano Edwin Hubble no começo do século XX. Ele descobriu que as galáxias se afastam umas das outras. Este fenômeno é chamado Expansão do Universo. Através dele podemos saber que o Universo teve um princípio, que ocorreu entre 15 e 20 bilhões de anos atrás. "Faça-se a luz e a luz se fez".

João Antônio de Freitas Pacheco
Instituto Astronômico e Geofísico,
Universidade de São Paulo



Aglomerado de galáxias: outro exemplo de como as galáxias gostam de viver acompanhadas. Aqui, uma família numerosa, com milhares de galáxias, na constelação da Coroa Boreal.

É muita coisa boa para não assinar.

CIÊNCIA HOJE das crianças está crescendo e buscando novos leitores. Você assina ou compra CIÊNCIA HOJE (de gente grande), recebe a revista como encarte gratuito; queremos convidá-lo a participar deste crescimento, oferecendo assinaturas de CIÊNCIA HOJE das crianças às crianças e aos amigos de que você gosta. Não perca este bom presente! Escreva-nos para mais informações, com nome e endereço, para a Av. Venceslau Brás n° 71, fundos, casa 27 Rio de Janeiro, RJ, Brasil - CEP 22290 Telefones: (021) 295 4442, 295 4846.





Já recebemos diversos bichos-máquina; aqui publicamos alguns.

As professoras do Instituto de Educação Bertrand Russel de Atibaia - S.P., e da Escola Municipal Paulo Colombo P. de Queiroz Brooklin - São Paulo - S.P., pediram aos seus alunos

Camebrante - Caio

Balão Peixe - Elciene de Jesus

Passarotocadiscos - André Wilson

Elefante cachorro cavalo - Vanessa

Espanacachorro - Adonias Eduardo - Clarice Rachman

Galodespertador - Débora

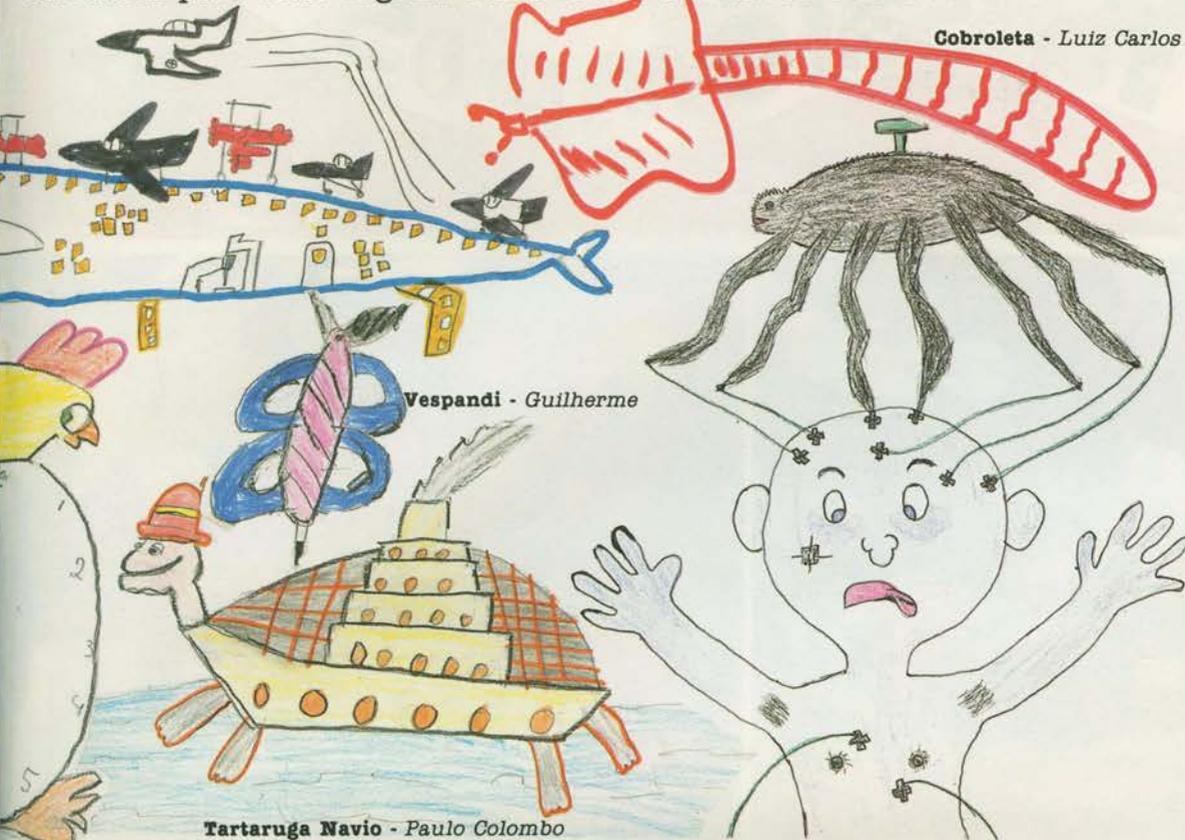
Para que você faça este truque é preciso colocar um ovo cru no vinagre durante uma semana. O ovo amolece e você poderá deixá-lo na forma que quiser. Depois pegue uma garrafa, coloque água dentro. Deixe o ovo no formato de um salsichão e coloque-o dentro da garrafa. Retire a água e o ovo voltará ao normal. Todos vão querer saber como pode um ovo tão grande passar por um gargalo tão estreito.

O OVO MÁGICO

Nosso Arapong que pub

para inventarem bichos-máquinas. Depois, elas mandaram os desenhos para nós. Alguns deles foram sorteados e estão aí.

Cobroleta - Luiz Carlos Narduca



Vespandi - Guilherme

Tartaruga Navio - Paulo Colombo

Eletroencefaloaranha - Diva A. Bassan

Feitor Rogério Ferrari, que tem 12 anos e mora em
Paraná, mandou-nos algumas experiências,
publicamos a seguir:

"Ciência Hoje das crianças, nesta carta
estou mandando algumas experiências
que pesquisei na biblioteca e
gostaria que vocês colocassem
na edição."

CUBO DE GELO MÁGICO

Coloque um cubo de
gelo em um copo. Sobre
o cubo, coloque um
pedaço de barbante.

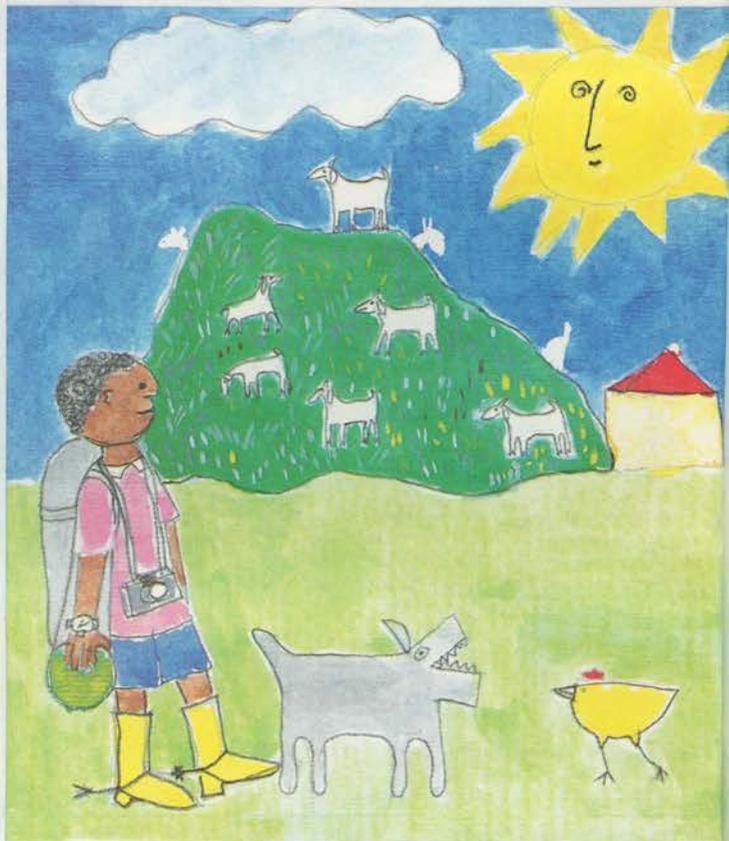
Depois espalhe sal sobre o barbante e sobre o
cubo. O sal congela o barbante, e fica possível
puxar o gelo erguendo o barbante. Se você quiser
que isso pareça mágica, tente colocar o sal sem
ninguém perceber.



Rogério



Dois garotos subiram no mesmo morro por lados diferentes. Quantos cabritos havia no morro?



Os egípcios de antigamente escreviam os números de modo diferente do que escrevemos hoje. Os números eram assim:

- | | |
|----------|------------|
| 1 = I | 10 = Σ |
| 2 = II | 11 = ΣI |
| 3 = III | 12 = ΣII |
| | |
| III | 20 = ΣΣ |
| 9 = IIII | |
| III | 120 = ∞ΣΣΣ |
| | |
| 100 = ∞∞ | |

À moda desses egípcios, escreva 15, 23, 43 e 130.



Maria Laura Leite Lopes e Moema de Sá Carvalho
Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática



Qual a figura que completa o desenho abaixo?



Na adição abaixo

+ GOLA
+ GALO

LOBO

as letras representam números pares diferentes entre si, de um único algarismo. Descubra o valor de cada letra. Agora, neste código, escreva a palavra representada pelo número 8640.



Jaqueline de Castro
Secretaria de Estado de Educação, RJ

Rita I.

Vamos chamar o dia 9 de setembro de 1981 de um dia de "raiz quadrada". Isto porque:

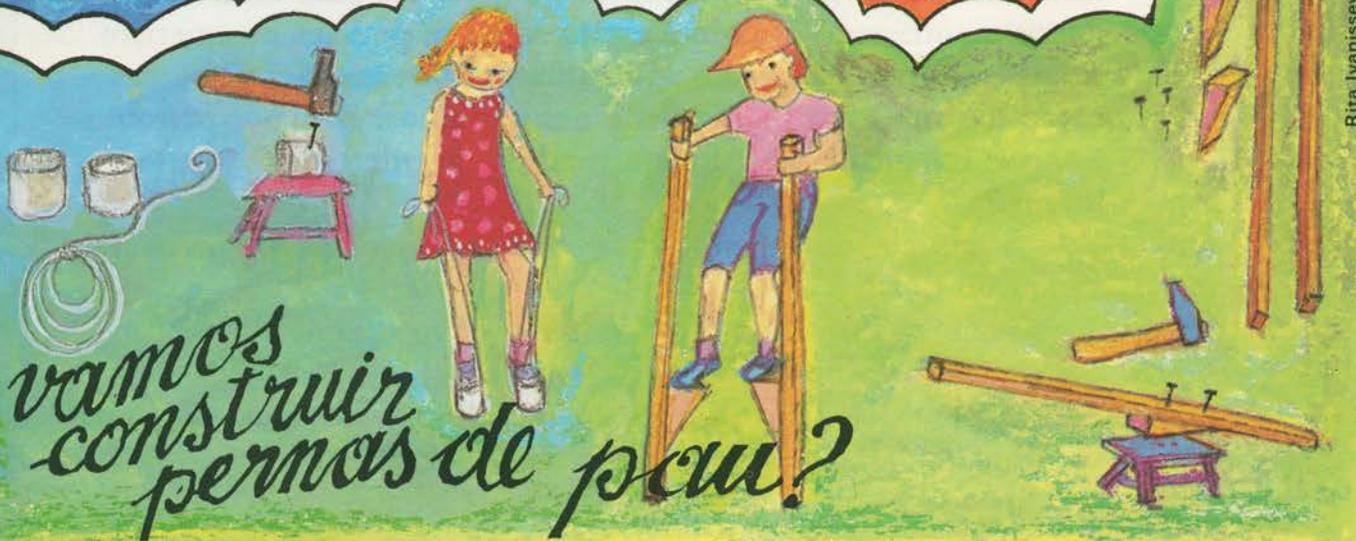
$$9 \times 9 = 81$$

dia mês ano



Quais foram os outros dias de "raiz quadrada" do século XX?

Luis Antônio Garcia
Secretaria de Estado de Educação, RJ



Rita Ivanishevich

Respostas do número 7:

- O cachorro verdadeiro é o primeiro da direita.
- Como escrever de 0 a dez usando apenas o número quatro:
- 0 = 4 - 4
 - 1 = 4 ÷ 4
 - 2 = (4 + 4) ÷ 4
 - 3 = 4 - (4 ÷ 4)
 - 4 = 4
 - 5 = 4 + (4 ÷ 4)
 - 6 = 4 + [(4 + 4) ÷ 4]
 - 7 = 4 + 4 - (4 ÷ 4)
 - 8 = 4 + 4
 - 9 = 4 + 4 + (4 ÷ 4)
 - 10 = 4 + 4 + [(4 + 4) ÷ 4]

No número anterior ficou faltando dizer que quem nos mandou este jogo foram **Ronaldo Seichi Wada e Sônia Vieira**, Faculdade de Odontologia de Piracicaba, UNICAMP.

Expediente: **Ciência Hoje** das crianças é uma publicação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. ISSN em registro. Av. Venceslau Brás 71, fundos, casa 27, CEP 22290, tel.: 295-4846. **Coordenação:** Guaracira Gouvêa. **Edição de texto:** Angela Ramalho Vianna. **Edição de arte e ilustrações:** Gian Calvi. **Revisão:** Leny Cordeiro. **Colaboraram neste número como ilustradores:** Gabor Geszti, Mariana Massarani, Rita Ivanishevich, Roberto Tinoco

- Escravos carregam uma senhora na cadeirinha



Pablo olhava para a televisão e dizia para a mãe: — Dá uma bolacha? Traz meu cobertor? Pega meu carrinho que está na estante? — Pegue sozinho, Pablo. Não sou sua escrava. — Escrava? — perguntou ele curioso.

— Era uma pessoa que antigamente fazia tudo o que mandavam, senão apanhava de chicote.

— Quero uma! — respondeu Pablo entusiasmado.

Não só Pablo acha que é bom ter escravos. Muita gente gostaria de tê-los até hoje. Mas ninguém gostaria de ser escravo.

No Brasil, até 1888, houve homens e mulheres que eram comprados, vendidos e alugados como se fossem coisas, instrumentos de trabalho. Depois eram usados para fazer o que os donos mandassem. Não interessava saber se podiam ou queriam. Se reagissem, eram castigados. Trabalhavam de manhã à noite nas casas, nas ruas, nas plantações e nos garimpos. A maior parte dos escravos foi trazida da África e vendida nos mercados, nos portos brasileiros.

As famílias ricas compravam muitos escravos. As pobres tinham só um ou dois.

Tomar banho sem rio ou cachoeira perto significava buscar água em chafariz, riacho ou poço. Depois do banho, despejar a água... Limpar penico — objeto indispensável debaixo da cama — e escarradeira várias vezes por dia... Tudo isso era trabalho de escravo.

Lavar a roupa, ir às bicas e lagoas da cidade levando na cabeça trouxas pesadas, esfregar, coarar e estender a roupa... Trabalho para as lavadeiras escravas, que cantavam e tagarelavam enquanto esfregavam as roupas das sinhás, com os filhos brincando à volta.

Conservar alimentos, salgar a carne e guardá-la em latas de banha, fazer os doces para durar muito tempo, cultivar a horta, manter um pomar, criar galinhas e cabras: tarefas para as escravas. Também elas, como algumas quitandeiras livres, vendiam, de casa em casa, alimentos frescos que carregavam em cestos, na cabeça, ou

COMO SE VIVIA NO BRASIL DO SÉCULO PASSADO



• Negros escravos serrando madeira

exibiam nas barracas, como nas feiras livres de hoje. De noite, o que tinha sido ganho com a venda do dia era entregue aos senhores.

Alimentar as crianças cujas mães não podiam ou não queriam amamentar era serviço para uma escrava. Os senhores compravam negras que tinham filhos recém-nascidos, tratavam-nas muito bem e elas amamentavam seus nenéns. Os pais da criança tinham orgulho de exibir uma ama-de-leite bem vestida, com aparência próspera. Quando a criança estava um pouco maior, também era sua “mãe preta” quem lhe dava de comer.

Para sair de casa, as mulheres tinham de ser acompanhadas pela família ou por escravos. Em alguns casos, eram transportadas em palanquim — cadeirinha coberta com cortinas e carregada por dois escravos, um na frente, outro atrás. Só no final do século XIX começaram a aparecer, na cidade do Rio de Janeiro, os ônibus puxados a burro.

A roupa, que só os muito ricos compravam na Europa, era tecida e feita em casa por escravas modistas ou rendeiras livres. Muitas escravas eram colocadas como aprendizes de costureiras francesas e passavam a se trajar à moda européia. Poucas eram as fábricas de tecido. Roupas de homem, mulher e criança eram feitas a mão.

Somente na segunda metade do século XIX é que apareceram, nas cidades brasileiras, os primeiros hospitais, dirigidos por irmãos de

• Carregando carne no carro de boi.



caridade francesas. Mesmo aí, eram os escravos que faziam todo o serviço pesado. Mas a maior parte das doenças era tratada pelas mulheres livres e escravas da casa.

Educar crianças, naquele tempo, ainda não era serviço profissional. Havia escolas e professores, mas a maioria das crianças aprendia mesmo era com escravos, mãe, tios ou governantas estrangeiras.

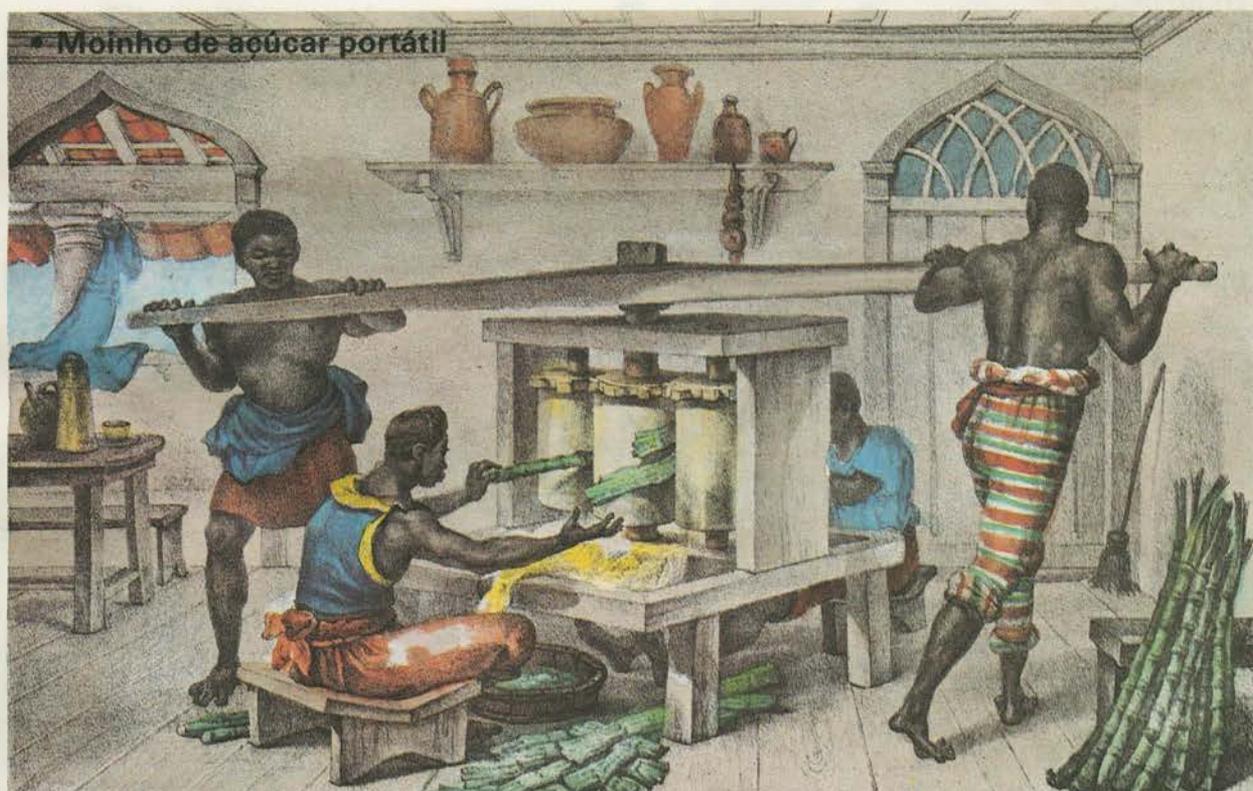
Moça prendada sabia ler e escrever, fazer doces, tocar piano e bordar. Contava sempre com uma escrava para levar seus recados, para cuidar de seus filhos e da sua roupa, para organizar o trabalho doméstico.

E isso só nas cidades, sem falar em fazendas e canaviais.

Por essas e muitas outras razões é que uma professora alemã, em visita ao Brasil, em 1881, escreveu para uma amiga, na Alemanha:

“(...) todo o serviço doméstico é feito por pretos: é um cocheiro preto quem nos conduz, uma preta que nos serve, junto ao fogão, o cozinheiro é preto e a escrava amamenta a criança branca; gostaria de saber o que fará essa gente quando for decretada a completa emancipação dos escravos...”

Miriam L. Moreira Leite,
Departamento de História, Universidade de São Paulo





A TARTARUGA E O CAAPORA

O Caapora, grande habitante do mato, desafiou a tartaruga para experimentar quem era o mais forte. Para isso, cada um devia segurar uma ponta de cipó e puxar, cada qual para seu lado, até que o outro desistisse ou fosse puxado.

A tartaruga aceitou, mas com uma condição: que ela ficasse na água e o adversário em terra.

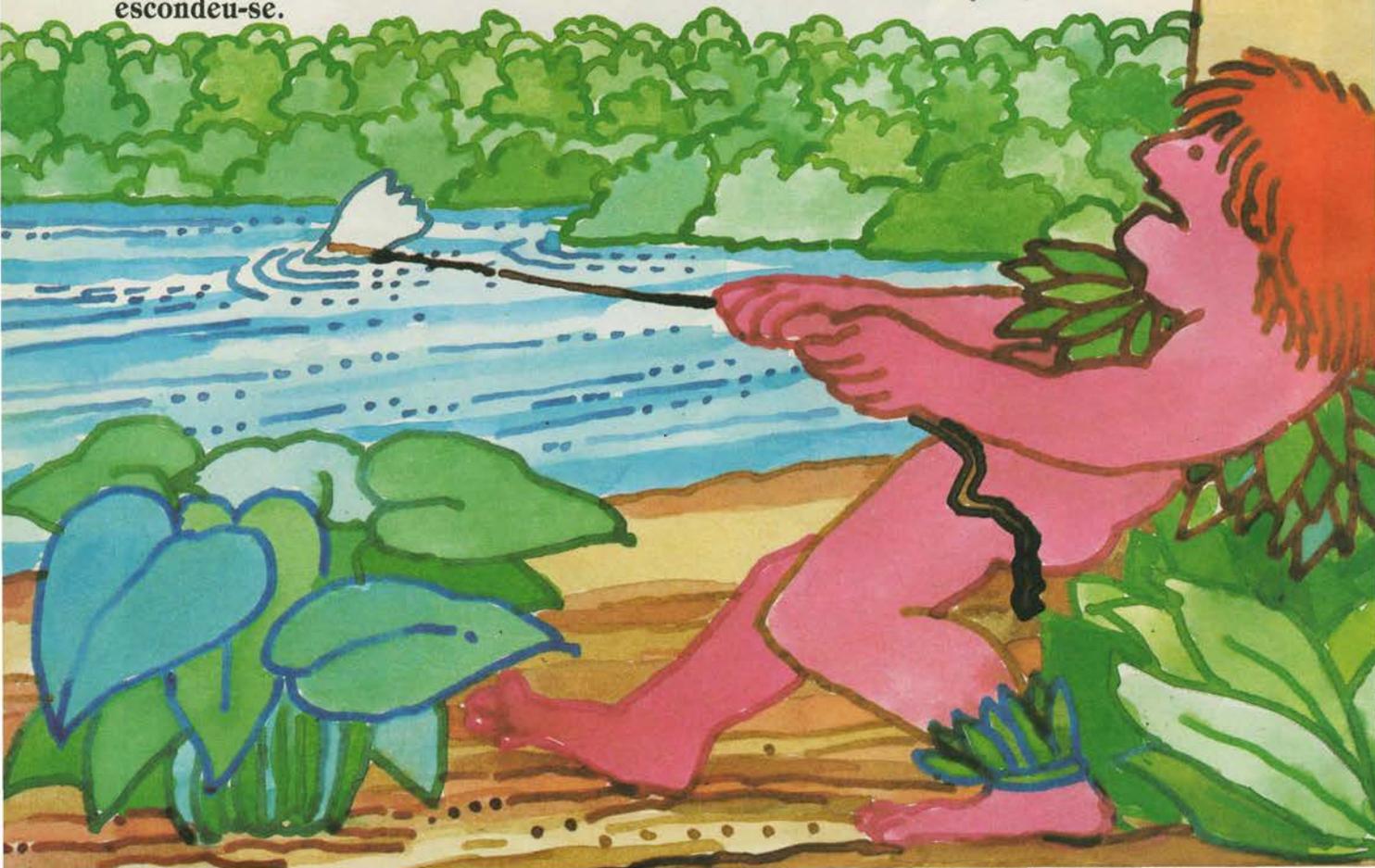
Quando o Caapora atirou a ponta do cipó para dentro do rio, a tartaruga, mais do que depressa, amarrou-a à cauda de um peixe-boi, que é um mamífero aquático enorme, e escondeu-se.

O Caapora de um lado e o peixe-boi de outro fizeram força desesperada. O Caapora trazia o peixe-boi até a margem do rio ou era arrastado para a beira d'água.

Finalmente, o Caapora cansou-se e pediu trégua. A tartaruga rapidamente desamarrou o peixe-boi e voltou tranqüila, sem nem ao menos demonstrar cansaço.

O Caapora deu-se por vencido:
– Tu és mais forte do que eu!
E foi-se embora desanimado.

Conto de Magalhães,
O selvagem,
Rio de Janeiro, 1876.



1

Em cada anel da antena espalham-se centenas de buracinhos: são os analisadores de cheiros. Além deles, existem minúsculos analisadores de umidade e de temperatura.

2

As abelhas enxergam através de dois grandes "conjuntos de olhos". Cada conjunto é formado por milhares de olhinhos recobertos por plaquetas hexagonais, muito diferentes dos nossos. Não enxergam a cor vermelha, mas, em compensação, enxergam os raios ultravioleta, invisíveis para nós.

3

No primeiro par de patas uma cavidade em forma de "U" e forrada de pêlos serve para limpar as antenas. Uma pequena "alça" aperta a antena sobre a cavidade durante a limpeza.

4

No segundo par de patas um esporão aguçado serve para espetar e retirar a bolota de pólen transportada pela pata traseira.

11

Uma comprida língua desdobrável funciona como conta-gotas. Ela suga o néctar adocicado das flores para dentro de um compartimento onde existem certas substâncias químicas, e depois deposita essa mistura nos favos da colméia. É assim que começa a fabricação do mel.

10

É com o par de mandíbulas que a abelha modela a cera na construção das paredes da colméia.

5

No terceiro par de patas há uma estrutura comprida, em forma de colher, rodeada por longos pêlos. Ela funciona como cesta de transporte das bolotas de pólen.

9

A cera é a matéria-prima da construção da colméia. Ela é fabricada por órgãos internos e expelida em forma de plaquetas através de fendas que a abelha possui na parte central do abdome.

9

8

Fazem parte do "conjunto de ferroar": um dardo farpado que funciona como agulha de injeção, um saquinho que fica bombeando veneno, um saquinho que fica soltando um cheiro de alarme para atrair mais abelhas e lançá-las ao ataque.

7

O "conjunto de ferroar" é a arma de defesa da abelha. Ele funciona como um sofisticado ferrão farpado, que fica injetando veneno mesmo depois que a abelha voa e o dardo fica encravado na carne da vítima.

6

Ainda no terceiro par de patas existem pêlos e esporões que funcionam como escovas e pentes. Eles arrastam o pólen das outras patas para uma "alça" arredondada. Com alguns empurrões, a alça vai recheando a "cesta de transporte" localizada logo acima.

Abelha operária - uma superoficina viva

Quando a abelha operária volta voando para a colméia, depois de ter visitado as flores, suas patas limpam e recolhem todo o pólen (um pozinho amarelado que atua na fecundação das plantas) que ficou grudado em seu corpo. Em pleno ar, as patas deixam de ser aqueles conhecidos órgãos de locomoção e começam a funcionar como um conjunto de eficientes ferramentas de trabalho, cada qual desempenhando sua função.

O trabalho de limpeza começa pelas antenas (1), onde o pólen fica entupindo os órgãos que servem para sentir os cheiros. Em seguida, os pelinhos que crescem sobre os dois "conjuntos de olhos" (2) são também escovados pelas patas dianteiras (3). As patas medianas (4) e as traseiras (5 e 6) também têm suas funções. O "conjunto de ferroar" (7) é, sem dúvida, o grande

responsável pelo medo que sentimos das abelhas. Mas, assim mesmo, ele pode ser olhado como um fantástico mecanismo de defesa. Depois de dar a ferroada, a abelha perde uma parte de seu organismo, que fica ligada ao ferrão encravado na pele da vítima. Por isso a abelha enfraquece e acaba morrendo depois de defender a colméia com o seu ataque suicida. Mas o abdome da abelha não serve apenas de estojo para

guardar o ferrão. Ele também fabrica a cera (9) para a construção da colméia. As mandíbulas (10) são as ferramentas de modelagem da cera e a língua (11) é o "conta-gotas" indispensável para a elaboração do mel. Mesmo sendo uma superoficina viva, o corpo de uma única abelha pouco pode contribuir para tudo o que é feito numa colméia. Você já imaginou quantas abelhas são necessárias para a fabricação de um único litro de mel?

VIVA SÃO JOÃO

Adivinhas de São João

Dia 24 de junho é dia de São João. No Brasil, como em toda a América Austral, esse é o dia mais longo do ano, porque coincide com o solstício de inverno. Segundo a tradição, São João adormece durante o dia que lhe é dedicado e não acorda nem com os foguetes e fogos que o povo solta em sua homenagem.

As adivinhas de São João são quase todas relacionadas, na roça, a perguntas sobre casamento, como as de Santo Antônio.

Na noite do dia 23 para 24 de junho...

... passa-se um ramo de manjerição na fogueira e atira-se ao telhado; se na manhã seguinte o manjerição ainda está verde, o casamento é com moço; se murcha, é com velho.

... enche-se a boca de água e fica-se detrás da porta da rua; o primeiro nome que se ouvir é o do noivo ou da noiva.

... tomam-se três pratos, um sem água, outro com água limpa e o terceiro com água suja; quem faz a experiência aproxima-se com os olhos vendados e põe a mão sobre um deles; o prato sem água não dá casamento; o de água suja indica que o casamento será com viúvo.

... faz-se um pirão com um pouco de farinha e põe-se-lhe dentro um caroço de milho; com os olhos fechados divide-se o pirão em três porções e se coloca uma na porta da rua, outra sob o leito e a terceira na porta do quintal; se for encontrado o caroço na porta da rua, é sinal de próximo casamento; se sob o leito, o casamento é demorado; se na porta do quintal, não há possibilidade de casamento.

... põe-se uma bacia ou tigela com água e olha-se para dentro; se não houver visto a figura, é que se morrerá nesse mesmo ano.

... põe-se um pouco de clara de ovo num copo contendo água; no dia seguinte aparece uma igreja (casamento), um navio (viagem)...

Luís de Câmara Cascudo
Dicionário do folclore brasileiro,
São Paulo

Se São João soubesse
Quando era o seu dia,
Descia do céu à terra
Com prazer e alegria

Acorda, João!
Acorda, João!
João está dormindo
Não acorda não!

— Minha mãe, quando é meu dia!
— Meu filho, já se passou!
— Numa festa tão bonita,
— Minha mãe não me acordou!

NA FESTA DE SÃO JOÃO

Para a meninada há traques, bichas de estalo, estrelinhas ou chuva de prata, rodinhas, pistolas, vulcões, busca-pés, espanta-meninos e ovos-de-faraó... Desfazendo-se alguns fogos de modo a juntar a pólvora e colocando em cima dela vários traques e bichas de estalo que, acesos, saltam para todos os lados, tem-se os diabinhos. Os mais velhos preferem as bombas de parede ou de pavio. Os adultos se divertem atirando ronqueiras ou espadas de fabricação doméstica. Os mais idosos soltam rojões.

Adolescentes e adultos ocupam-se na fabricação de balões com papel de seda colorido, ou papel arengueiro, goma, estopa, querosene, aros de metal, abanos. Desde muito antes do dia de São João pontilham o céu, além dos balões simples, globulares, estrelas, porcos, aves em pleno voo, pipões, charutos, elefantes, zepelins. O aparecimento dos balões no céu dá lugar ao brinquedo de "balão bolo", ou, entre namorados, "balão beijo", mas quem se atreve a apontá-los, se com isso pode ganhar uma verruga no dedo? A meninada armada de pau ou gancho só deseja vê-los baixar à terra: "Cai, cai balão!"

Dizem que o lobisomem, sétimo filho homem, amarelo e arreado, pode livrar-se do mal se colher, sem se voltar para trás, apesar dos inúmeros e insistentes chamados que ouvirá, a solitária flor da arruda que estiver desabrochando nesse momento exato.

Em toda parte a dança preferida é a quadrilha, com as suas conhecidas figuras, *chaine*, molinete, galope, *changez-de-dames*, e as ordens de comando num francês muito especial. No quadro rural, as danças exigem um "terreiro" ou uma "ramada", enfeitados com folhas, plantas e bandeirolas de papel, o chão coberto por uma leve camada de areia, às vezes à luz de candeieiros de acatileno.

É comum fazer parte da folgança um "casamento na roça" — os noivos, o padre, as testemunhas e um vilão, que acaba na cadeia armada num ponto qualquer do terreiro.

A culinária típica do São João é de base indígena — milho, mandioca, aipim. Não se vê a "capelinha de melão" de conhecida quadra, mas estão presentes cravos, rosas e manjerição. E a despedida:

**"Adeus, meu São João.
adeus, adeus!
Você fica com saudade,
quem vai-s'embora sou eu"**

Edison Carneiro
Folgedos tradicionais,
Funarte/INF, 1962



GABOR
5/83